

O cambão político-financeiro que tomou conta do país está moralmente morto. O que para aí está é o seu cadáver putrefacto. A verdade já fulgura em todas as consciências rectas. Os grandes criminosos poderão vencer—mas não conseguirão convencer a opinião pública da sua inculpabilidade

O combate em que *A Batalha*—intérprete das aspirações do proletariado e do povo português—se empenhou, é o maior, o mais rude que se tem feito em Portugal. Inflexíveis, firmes, mas serenos, empunhamos o bisturi e começamos a autópsia. Ainda vamos no princípio da nossa árdua tarefa e já as más vontades da política e da finança rosnam desesperadas. O capitalismo português está à beira do precipício. Um sóro forte pode fazê-lo ruir como um castelo de cartas. A base da finança portuguesa é uma ficção, é o terreno movediço da especulação na Bolsa e da exploração do Estado, coadjuvada por políticos venais.

A reles política que faz a lei, ali no Parlamento, e a tórpe finança que suga todas as energias da nação que trabalha, vivem amparadas uma à outra. É essa união que lhes dá a força, e as mantém de pé.

Desde a falcatura do Angola e Metrópole até à sede do Banco de Portugal encontra-se um caminho semeado de escândalos. Esses escândalos postos a nu mostram de que lama é feita a moral da sociedade presente, que nós combatemos, para substituí-la por outra onde os trabalhadores intervenham directamente na gerência dos seus interesses.

Nunca, como hoje, a burguesia imoral, o cambão político-financeiro, esteve tão unido em torno dos seus crimes. Ao reduto da infâmia—o Banco de Portugal—chamam o crédito da nação. Provado que nesse Banco se tem praticado fraudes e burlas, que vão desde a viciação da escrita à falsificação das notas, o crédito do país é sinónimo de crime e de imoralidade.

Quando atacamos a imoralidade e o crime acusamos-nos de lesar o crédito do país. Mas, afinal, o que vem a ser para essa gente o crédito do país? É o sr. Inocêncio Camacho que descredita, perante a casa Waterlow, perante o estrangeiro, o Banco de Portugal? É será encobrindo os ladrões e falsários, os cabelhais da burla das notas falsas, que se fomenta o crédito do país? É será perseguindo acintosamente as criaturas que tem a ombridade de apontar os criminosos que pretendem acolher-se à sombra dum crédito que não existe? Será ainda escorraçando e vexando com o epíteto de doido um homem que só cometeu a loucura, neste país decadente, de atacar os verdadeiros criminosos?

A inteligência, a lealdade, a esperteza e a correcção do juiz Alves Ferreira que, iluminado apenas por uma vela de cebo, já descobriu que o "plano tenebroso" foi forjado pelos bolxevistas

O dr. sr. Alves Ferreira nomeado, primeiro, ilegalmente pelo governo, depois legalmente pelo parlamento, para proceder às investigações do caso Angola e Metrópole, já se instalou. Já tem mobiliário do palácio da Ajuda e velas de sebo para fazer luz no tenebroso plano. Agora é que o povo vai saber definitivamente que o Inocência... está inocente e que os patifes, os falsários, os burlões, são todos aqueles que tiveram a coragem de denunciar sem papas na língua as maldades do Banco de Portugal e da restante finança que nele se apoia. Disponham-se os homens honrados a ir parar à cadeia.

O dr. Pinto de Magalhães era um «doido»—a além de doido, «cego». Por isso o sr. António Maria da Silva, coçando elegantemente a sua barbinha simpática, pôz na rua o «doido», para substituí-lo pelo dr. Alves Ferreira, que não é um demente, apesar de ser velho, e que mesmo à luz bruxuleante da vela de sebo vê tudo.

Ora, o novo investigador botou ontem fala aos representantes da imprensa e, apesar de não possuir ainda o necessário telefone, já lhe contou, já foi informado—talvez pela T. S. F.—de que tudo isto foi planeado pelos bolxevistas. É uma pista... E admiramos que, tendo sido apresentado por certo jornal da manhã, o dr. Nuno Simões, como bolxevista perigoso, o juiz «doido» não tivesse compreendido imediatamente que o «plano tenebroso» do Angola e Metrópole fóra concebido em Moscúvia por algum daqueles Zinoviefes diabólicos.

Do regicídio ao Banco de Seguros

Felizmente, Alves Ferreira, criatura ponderada, que não é «doida», chegou, viu e venceu—venceu a barreira impenetrável que ocultava o mistério... Socegue, pois, o povo alarmado. Com o novo investigador outro galo vai cantar...

Parece que os leitores estão duvidando da sinceridade das nossas palavras. Essa dúvida é uma injustiça. Nós não brincamos com cousas sérias, e o dr. sr. Joaquim Augusto Alves Ferreira é uma criatura séria. Nós possuímos no nosso arquivo—que é precioso, acreditem—uma biografia do dr. Alves Ferreira. Os actos de maior vulto deste jurista de fama estão registados não nos «anais da História Patria»—é cedo para praticarmos esse acto de justiça...—mas da vida portuguesa contemporânea: desde a acção no regicídio até a que tão inteligentemente exerceu no falido Banco de Seguros.

Justamente folheávamos o nosso «dossier» nas páginas que se referem ao Banco de Seguros, quando aqui ao nosso lado, um grupo de operários recordava a sua imparcialidade e isenção num conflito operário em que figurou como árbitro, pendendo, é claro, é evidente, é lógico, para o lado dos patrões—que não tinham razão.

Mas o caso do Banco de Seguros, que vamos contar resumidamente para deliciar os leitores, é o que dá bem a nítida ideia da correcção, da lealdade e mesmo da competência do dr. Alves Ferreira, tão acertadamente escolhido para, no caso do Angola e Metrópole, interpretar—já não diremos o espírito de justiça—mas, pelo menos, e já é bastante, a vontade do governo que pretende salvar os inocentes (Camacho).

Accionista que não paga as acções

Quando da fundação, há anos, do Banco de Seguros, o dr. sr. Joaquim Augusto Alves Ferreira foi convidado gentilmente pelo director geral do mesmo sr. Amândio Maciel—que por sinal é seu primo—a fazer parte do Conselho Fiscal.

O illustre juiz aceitou—embora não tivesse entrado com a importância das acções que cautionavam esse lugar e que era ape-

nas de 1.000 escudos. Lapso... esquecimento perdoável numa criatura que tem muitos afazeres...

Findo o exercício do ano de 1920, o Conselho Fiscal, de que era membro o illustre juiz, verificou as contas, achou-as certas, e redigiu o seguinte parecer que foi aprovado na assembleia geral do Banco realizada em Abril de 1921:

«Senhores Accionistas:—Examinámos, como nos cumpria, as contas do Banco de Seguros. Pelos resultados da sua escrita, encontramos esta em dia e aquelas regulares, acusando um resultado favorável aos interesses dos accionistas.—O movimento de seguros é considerável, com manifesta tendência para aumentar, sendo lícito esperar, com uma rigorosa administração, que a nossa Companhia continue progredindo como todos os accionistas devem desejar.

É nosso parecer portanto, que devem ser aprovadas as contas que vos são apresentadas pela Administração bem como a proposta de divisão de lucros. (a) F. Fernandes Costa, Augusto Luís Vieira Soares, Joaquim Augusto Alves Ferreira.»

A mesma assembleia ainda aprovou uma moção de confiança ao sr. Amândio Maciel, administrador do Banco, pelo acerto da sua obra administrativa.

As ilegalidades do illustre juiz...

Dias depois dessa assembleia, o sr. Fernandes Costa (já falecido), membro do Conselho Fiscal, escreveu uma carta ao referido administrador pedindo-lhe a sua parte nos lucros. Mas como o sr. Fernandes Costa não tivesse, como o sr. Alves Ferreira, entrado com a importância que cautionasse as suas acções, o sr. Maciel respondeu-lhe que só lhe enviaria os lucros quando ele pagasse o que devia.

Succede que o sr. Maciel, adoecendo gravemente se viu forçado

a abandonar temporariamente o seu lugar. Os que não andavam contentes com o seu procedimento, forjaram uma combinação. Convocam uma assembleia geral extraordinária, forjando um balanço fantástico, põem-lhe a assinatura do guarda-livros, que nada assinou, redigem um parecer do Conselho Fiscal assinado apenas por dois membros, o que é ilegal. E figura nesse parecer ilegal, que só podia ser assinado por três membros, o nome do sr. Alves Ferreira. O illustre juiz finge ignorar este pormenor das três assinaturas, que qualquer empregado no comércio conhece; na assembleia geral não protesta contra a fraude—e por fim vem a apurar-se que, apesar de figurar o nome do sr. Alves Ferreira no parecer, ele não o tinha assinado. Assim, em plena assembleia abusam do nome do sr. Alves Ferreira, colocam-no na sua presença num documento oficial onde figuram só duas assinaturas, quando legalmente deviam figurar três—e o dr. Alves Ferreira, que vê tudo no caso do Angola e Metrópole, não vê a ilegalidade bem patente, sendo advogado, jurista de renome, não nota o abuso de confiança de que era vítima o guarda-livros cujo nome fóra colocado num documento que não assinava.

Mais tarde o Banco faliu. E só nessa altura o austero, o leal, o competente juiz Alves Ferreira entra, forçado pelo administrador da falência, com o dinheiro das acções que devia.

Ora, como os leitores vêm, é este homem que convém às importantes investigações do Angola e Metrópole. O governo confia na sua correcção e sagacidade—o povo pode confiar também...

Vão ser presos todos os criminosos... Vão ser pedidas contas a Moscúvia do seu plano tenebroso...

Vai fazer-se luz, muita luz—com as velas de sebo do dr. Alves Ferreira...

Ora, sebo!

Os maneios dos nossos irreconciliáveis inimigos

A província continua sendo ameaçada pelos clericais que, aproveitando-se de dois factores: a miséria e a ignorância, se servem deles para as suas especulações. Os reacçãoários pretendem a todo o custo fanatizar o país, trazer para o grémio da Igreja as multidões operárias que dele há anos se arredaram. A Igreja, tradicional aliada de todos os poderosos, pretende destruir as organizações operárias e arrancar os trabalhadores à prática dos seus deveres de solidariedade. É fácil deprender-se daqui o perigo que ela representa para todos aqueles que aspiram ao estabelecimento dum regime baseado na liberdade e no trabalho e lutam contra as iniquidades das sociedades anacrónicas que nos regem.

A Igreja não vê com bons olhos o movimento operário. Detesta-o, odeia-o e várias vezes se tem esforçado por destruí-lo. Ela quer conseguir voltar a exercer sobre o mundo o domínio temporal que só conseguiu noutros e bem recuados tempos; para isso precisa de ser aliada dos poderosos e sobrepor-se à sua vontade. Esse objectivo só lhe pode advir desde que consiga transformar os povos em rebanhos, rebanhos que cegamente obedeçam ao chefe supremo, ao papa que superiormente dirige de Roma todo este tenebroso plano.

A igreja especula aqui com relativa facilidade devido à suposição em que muita gente anda de que ela já não possui força e se debate numa irremediável impotência.

É devido a esse erro que ela tem conseguido nestes últimos tempos progredir, ganhando força e aumentando consideravelmente o número dos seus adeptos. É bom não esquecer que uma parte da província ainda se encontra nas mãos dos pa-

drés que abusam indignamente da influência que exercem sobre aqueles que fanatizam; que em muitas localidades ainda se realizam essas fanatizadas grotescas e aviltantes que são as procissões, acontecendo também que as próprias populações chegam a exigir em massa a realização desses actos.

Ultimamente os padres têm conseguido introduzir a desunião em muitos lares operários, servindo-se para isso das mulheres que, por serem de mais credulidade, são mais acessíveis à sua obra de fanatização. As beatas têm armado a ratoeira aos simples, servindo-se para isso da caridade, da caridade católica que é uma das formas mais perversas e odientas da maldade humana. Aproveitam-se para isso da miséria que lava em muitos lares e procuram captar as pessoas em troca duma exibição de piedade tão falsa como a bíblica amizade de Judas. Esta especulação merece a mais indigna repulsa de todos aqueles que não estão contaminados pelos processos jesuítas, que ainda persistem apesar do legítimo descrédito em que caíram.

Em Torres Novas produziu-se ultimamente um facto que dá bem a ideia da alma torva dos clericais. Naquela vila vive um operário—Faustino Bretes—que, enquanto a sua saúde lho permitiu, combateu sempre, e com encarnicamento, os maneios dos padres e em troca recebeu deles uma guerra implacável e desleal. Não houve infâmia que contra ele não fosse premeditada; não houve calúnia que não fosse propagada para o esmagar. Esse operário encontra-se actualmente doente e, infelizmente, perigosamente enfermo.

Os reacçãoários da terra não desarmaram do seu ódio, a pesar da

deplorável situação em que Faustino Bretes se encontra e conseguiram insinuar-se de tal modo junto da mulher dele que lograram introduzir-lhe em casa um padre. Faustino Bretes, apesar do enfraquecimento físico em que a doença o prostrou, ainda teve forças para indicar ao sotaína a porta da rua. A pesar disso os reacçãoários não desistiram, tendo ultimamente a Irmã de São Francisco de Paula enviado aquele operário uma oferta de géneros alimentícios, que ele recusou mal soube da sua procedência.

Esta atitude dos clericais de Torres Novas é repugnantíssima, demonstrando a saciedade que o ódio religioso não cansa nem se extingue mesmo perante as piores tragédias. Os padres pretendiam conseguir que Faustino Bretes se convertesse, para mais tarde irem cantar vitória para as igrejas e afirmar que os que combatem o catolicismo tarde ou cedo confessam o seu arrependimento. Evidentemente que não devemos afastar-nos dos nossos objectivos para nos dedicarmos ao combate exclusivo dos clericais, mas não nos devemos esquecer que eles são nossos adversários irreconciliáveis e como tal os devemos considerar e tratar.

O comício contra a alta finança

Realiza-se hoje, pelas 14 horas, um comício público no Parque Eduardo VII para tratar dos últimos escândalos da alta finança.

Farão uso da palavra, entre outros oradores, os drs. srs. Amácio do Alpoim e Pinto de Magalhães.

Prosseguem as manifestações de apoio à "Batalha"

O proletariado continua a manifestar-se favoravelmente à *Batalha*, dando-lhe o seu apoio caloroso.

Assim o Sindicato Único da Construção Civil de Almada, em reunião da sua comissão administrativa ultimamente realizada para apreciar a campanha levantada pela *Batalha* contra os burlões do Banco de Portugal, resolveu tornar pública a sua solidariedade pela resolução tomada sobre o assunto com a Federação da Construção Civil, que era de franco apoio ao órgão do operariado.

Recebemos ontem os seguintes telegramas: BEJA, 9.—T.—Saúdo o director e redactores da *Batalha* pela atitude que assumiram, em resultado da sua campanha contra a alta finança. José Guerreiro Cambedo. SINTRO, 9.—T.—Camarda Santos Arranha: Ao termos conhecimento da atitude de Pereira da Rosa, saúdamos-te e aos teus camaradas de redacção, pedindo-lhes que prossigam na sua campanha contra os sicários da rua dos Capelitas. José Rodrigues, Carlos de Araújo, Elísio Duarte, Carlos Lázaro, João Adriano, Carlos Gaia, Américo Anselmo.

Do Grupo «Os Inveníveis» recebemos a seguinte nota:

«O Comité, reunido em conjunto com o Conselho de Delegados, tendo apreciado a famosa burla do Angola e Metrópole e a cumplicidade do Banco de Portugal, protesta energicamente contra tais escândalos, que estão conduzindo a nação à ruína e desprestigiando a República.

Apreciando também a afronta feita por Pereira da Rosa ao digno director de *A Batalha*, resolveu por unanimidade prestar a este toda a sua solidariedade.

Resolveu igualmente que todos os grupos se incorporem no comício que se realiza no Parque Eduardo VII, pedindo portanto a todos os filiados para comparecerem no referido Parque pelas 14 horas.

As grandes catástrofes

MILÃO, 9.—Um violento abalo sísmico sacudiu a região de Siena, no distrito de Toscana, em torno do monte Amiata. Mais de cem casas foram destruídas e a população acha-se acampada ao ar livre.

O desarmamento

HAIA, 9.—O governo holandês aceitou o convite da Sociedade das Nações para participar da conferência do desarmamento.

O espírito libertário e as ameaças de scisão no partido socialista espanhol

Num dos últimos escritos, frizámos o cuidado que certos socialistas têm tido em demonstrar o triste «passamento» do espírito libertário.

Precisamente quando esses marxistas embandeiraram em arco, em sinal de regozijo pela morte da «hidra», em Espanha dá-se um solavanco nas fileiras socialistas, como prova plausível de que até nos partidos sociais democráticos existe uma corrente de liberalismo a sacudir a frioleira da rispida autoridade dos chefes...

A disciplina partidária do socialismo espanhol já há muito vinha sofrendo de vários rebeldes no íntimo das suas posturas. Pablo Iglesias, porém, era o traço de união que conseguia sofrear o impulso do descontentamento que lavrava no seio do partido.

Uma vez sepultada aquela figura que infundia respeito em todos os seus correligionários, principiou logo a irrequietação contra a tendência verdadeiramente ditatorial dos directores do partido. Talvez seja por isto que Indalecio Prieto se cobre de apreensões quanto ao incerto futuro do seu partido—principalmente numa época transcendental em que julga que o dito partido se encontra numa situação de, muito em breve, ou ser chamado a participar do governo, ou, pelo menos, a servir-lhe de apoio para a Espanha marche para outras «rotas em concordância com os tempos».

O partido socialista espanhol é dominado pelo triunvirato Caballero—Saborit—Cordero.

Enquanto Andrés Saborit se assenhoreou das rédeas autoritárias do poder do partido, Largo Caballero alargou-se na posse intencional do mando da União Geral dos Trabalhadores, cuja indiscutibilidade é duramente imposta à massa dos filiados. Cordero acode-se ao acompanhamento triunfante da *leader* ditadura dos que presidem, conservadoramente, à porfiada absorção da teta burocrática que serve os fundos do partido e da organização operária reformista.

Contra a ditadura do triunvirato e contra a aluvião de funcionários que monopolizam todos os poderes, revoltou-se, indignadamente, a secção socialista vallisoletana (de Valladolid)—abrindo, assim, uma clara audaz contra a férrea disciplina da Comissão Executiva e da maioria do Comité Nacional, as quais deram um golpe de estado... nas resoluções dos Congressos e nas «normas tradicionais do Partido Socialista»...

Esta atitude de franca hostilidade aos membros absolutos do directório do Partido Socialista Espanhol, não constituirá uma flagrante demonstração de que o espírito libertário, apesar de toda a campanha que lhe movem encarnicadamente, está infiltrado, em maior ou menor dose, em toda a parte, na existência individual como na colectiva?

Por mais que queiram abater o dragão do princípio da liberdade, ele surge-nos em todas as manifestações da vida, particular ou social, com mais ou menos densidade. No gesto da secção socialista vallisoletana condensase, inquestionavelmente, um bom grau de anti-autoritarismo contra o prestígio ditador de chefes intolerantes...

«Serão efeitos naturais do contágio irresistível... da irresistível propagação das «subversividades» andrúquicas?

A secção socialista de Valladolid insurgiu-se contra o aburguesamento do partido, não podendo admitir a existência dum burocratismo ruinoso. «A administração do Partido é sensivelmente cara. São demasiados os funcionários que temos para os 8.109 filiados e 211 secções». Assim o proclama bem alto, erguendo o seu pendão de revolta, a citada secção socialista.

E porque o espírito libertário não é possível morrer assim facilmente nas organizações individuais e colectivas, encontrando uma determinada imbução no carácter independente desse núcleo de socialistas vallisoletanos—é que este se decide a rebelar-se publicamente, por observar, «em alguns actos de certos elementos dirigentes do Partido, um princípio de poder pessoal, corruptor e incompatível com as normas de austeridade e democracia»...

Como se «aceitam cargos importantes de nomeação indirecta sem se consultar previamente o Partido, nem se submetem depois o facto ao referendado das agrupações», a secção revoltada, em nome da disciplina... rompe a disciplina, deliberando «reservar-se o direito de interpretar livremente» todas as resoluções dos organismos dirigentes do Partido, seguindo-as ou repelindo-as.

Porque não está disposta a tolerar... que se tolere e se defenda «o facto de exercerem cargos públicos de carácter electivo alguns correligionários cuja nomeação não foi feita pela organização operária nem pelas agrupações «espectivas»...

Já que «foram inúteis todas as tentativas feitas para reunir os males apontados»...

queles e outros:—já que o «Comité nacional não é, realmente, representação fiel do Partido», já que os delegados regionais estão em minoria e «é sempre o Executivo—integrado quasi totalmente por correligionários madrilenos, alguns deles funcionários do Partido—quem decide com os seus votos», isto é: quem «é juiz e parte»—a secção socialista de Valladolid proclama a independência da sua acção, do seu critério, libertando-se do jugo apremiante da burocrática e aburguesada direcção do Partido, que outra coisa não faz do que procurar, a todo o transe, manter as situações privilegiadas que disfruta...

E aqui está como pedaços de alma da corrente libertária... dos anarco-sindicalistas, arrastados pela pena fulgurante de alguns marxistas acomodados, se vão transmitir, pelos fenómenos da metempsicose, para os próprios corpos doentes das populações social-democráticas.

Desgraçadamente, essa transmigração das almas libertárias, que se efectua em outros países mais socialistas, como a Alemanha, está a ameaçar outras secções do partido socialista espanhol, cujas massas populares se antipatizam com os seus ditadores partidários...

C. V. S.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

TERRAS DE FOGO

— DE —

Julio Quintinha

2.ª Edição—Escudos 8500

A' venda em todas as livrarias.—Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

Uma "inocência" internacional

BUDAPEST, 9.—Foram efectuadas mais 23 prisões de implicados na falsificação e passagem das notas falsas do banco de França.

O regente Horthy presidiu a um conselho de ministros declarando-se disposto a que o inquérito prossiga rigorosamente.

O ministro do interior declarou que as autoridades procuram presentemente saber como as notas foram fabricadas e se existem mais em circulação, estando o processo quasi concluído.

O ministro declarou ainda não ter sido possível estabelecer com precisão o que poderia ser o fim nacional e patriótico invocado pelos acusados, e que aqueles que no escândalo entraram de boa fé foram vítimas da nervosidade que se apoderou do país desde o momento em que compreenderam ter sido vencido. — (L)

DENTES ARTIFICIAIS a 25000. Extracções sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placa em «canchi». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, L. (Chiado)

HORARIO DE TRABALHO

A Companhia de Papel Prado e os seus operários

Os fabricantes de papel de Tomar estão de há muito ameaçados pela Companhia de Papel Prado de verem os seus salários diminuídos ou trabalharem 12 horas.

Agora a ameaça é mais grave. Se os operários não permitirem, como até hoje não permitiram, que os seus salários sejam reduzidos ou o horário de trabalho falsificado, a fábrica fechará as suas portas. Se hoje têm a semana reduzida a 3 e 4 dias, amanhã nem essa esperança se verificará.

E a Companhia a querer forçar os seus operários pela fome a tirar uma conquista que tantas vítimas tem ocasionado.

O espantoso da miséria ante os olhos dos fabricantes. O seu lar sem pão, os filhos enfezados, esmolando a caridade pública. Vê! que situação preferes? Trabalhar 8 horas a 3 dias por semana, com redução de salário, ou ter a semana garantida, com 12 horas de trabalho por dia? Sendo assim a fábrica não fechará as suas portas!

E' inacreditável que uma companhia tão riquíssima como é do Prado, se atreva à baixaria de querer desprestigiar o horário de trabalho estabelecido por lei, e pretender paralisar a laboração das suas oficinas, se os operários não aceitarem que os seus miseráveis salários ainda baixem mais. O que queramos diminuir de 7500?

Como se concebe que uma companhia como é a do Prado, que distribui aos seus accionistas elevados dividendos, pretenda lançar para a miséria algumas centenas de criaturas, que para ela têm dado o melhor do seu esforço?

Os fabricantes de papel de Tomar ou doutras localidades não devem, por forma alguma, consentir que as suas regalias sejam cercadas. Da sua coesão e energia dependerá o respeito dos industriais pelo que hoje usufruem e será considerado inviolável. Nada justifica as pretensões infames da Companhia do Papel do Prado. Escravos, alerta!

ASSIMEM Os mistérios do Povo

TEATRO S. LUIZ

HOJE- Ultima -HOJE

Grandioso e afrentíssimo espectáculo

A celebre e encantadora opereta em dois actos

A Montaria

e a linda opereta num acto

A Canção do Cluido

Criações de Almeida Cruz e Maria Pires Marinho—Belo conjunto

Sexta-feira:

A MOÇA DE CAMPANILHAS

TEATRO MARIA VITORIA

A mais célebre de todas as revistas

2 SESSÕES 2

A's 8,30 e 10,30

FOOT-BALL

O formidável êxito da actualidade!

A grande atracção do momento!

AS ROSAS

Número encantador por LINA DEMOEL

O CARACOLINHO

Bela criação de HORTENSE LUZ

O CHEFE BITOCA

Tipo hilariante por CARLOS LEAL

BUSCAPÉ

Alegre compadre por ALBERTO GHIRA

O DANÇARINO

Brilhante trabalho de ALFREDO RUAS

O JORCA

O maior sucesso de SANTOS CARVALHO

Notas & Comentários

Bom coração

O Dia descreve nestes lancinantes termos a incineração de um cadáver no Forno Crematório:

«E durante quatro horas quem assistiu àquela barbaridade contemplou o mais tremendo espectáculo: o próprio cadáver, tremendo os cabelos, reclinando as pernas, estalando os ossos, contra o rosto em pavorosos espasmos, erguia o corpo em contorções espantosas».

E' curioso este sentimento religioso manifestado pelo Dia e apoiado pela Epoca. A Igreja acha legítimo que se queimem os vivos, o que ela não pode levar à paciência e que se queimem os mortos. Chama-se a isto ter bom coração.

Coincidências

O Rebate vem com os insultos que os jornais reaccionários já têm proferido contra nós. E' pecha daquelles reaccionários verdes e encarnados imitarem e até excederem a atitude que contra nós tomam os monárquicos azues e brancos. E' até curioso coincidirem os insultos do Rebate com as bravatas do «menor» da União dos Interesses Económicos.

Casas desmontáveis

Exposição no Parque Eduardo VII de 4 tipos do fabrico de António Nogueira.

Sindicato dos Profissionais da Imprensa

O prazo para a revalidação e concessão de novas «Carteiras de Identidade», termina em 15 do corrente.

Reuniu ontem a direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, que se occupou da revalidação das «Carteiras de Identidade», resolvendo tornar novamente público que o prazo, para esta revalidação termina em 15 do corrente, assim como o período em que são passadas novas «Carteiras», conforme a determinação ministerial de 11 de Maio do ano findo.

E' conveniente que os portadores das «Carteiras de Identidade» que ainda não foram revalidadas, as enviem, para esse efeito, à direcção do Sindicato até 13 do corrente, pois a partir de 15, não terão validade as «Carteiras» passadas em 1925, que não possuam a etiqueta com a indicação de 1926.

A direcção do sindicato que se fez representar no funeral e nos turnos que velaram o cadáver do seu consócio Frederico Protes da Fonseca, exarou na acta das suas sessões um voto de profundo pesar pelo falecimento desse distinto profissional da imprensa.

CONFERÊNCIAS

«Os fundamentos da causa da protecção aos animais»

O dr. sr. Júlio Eduardo dos Santos, vice-presidente de direcção da Sociedade Protectora dos Animais, realizou na sexta-feira na Universidade Popular Portuguesa, uma conferência sobre «Os fundamentos da causa da protecção aos animais».

O conferente referiu-se à amplitude do movimento zoológico nos diversos países do mundo, apresentando uma curiosa estatística pela qual se constata que em 1914 existiam 1927 sociedades protectoras dos animais, aludindo também à influência das sociedades infantis com o mesmo fim que se encontram em grande número nas nações mais cultas. O conferente falou também no movimento protectionista no nosso país, destacando a obra da Sociedade Protectora dos Animais de Lisboa que hoje conta cerca de 60 delegações em diversas localidades do país. Em seguida à conferência a sr. D. Laura Augusta Alves Braga executou ao piano alguns números de música, seguindo-se uma sessão cinematográfica educativa.

Na próxima terça-feira, o sr. D. Tomás de Vilhena realiza na Universidade uma conferência sobre «Constitucionalismo», conferência que faz parte da série que a Universidade está levando a efeito sobre doutrinas político-sociais.

«A crise actual e forma segura de a resolver»

A segunda conferência da série que a Associação de Classe de Empregados de Escritório está promovendo efectua-se hoje, na sua sede, rua da Madalena, 225, 1.ª, pelas 21 horas.

E' conferente o dr. sr. Reis Santos que dissertará sobre «A crise actual e forma segura de a resolver», desenvolvendo o seguinte interessante tema: «Convençermos que não somos civilizados é a primeira condição para nos civilizarmos e para resolvermos a crise actual».

A entrada é pública.

OS QUE MORREM

Guilherme Xavier da Cunha

Faleceu ontem de manhã, na residência de seus velhos pais, o sr. Guilherme Xavier da Cunha, de 52 anos de idade, tipógrafo do *Diário de Lisboa*. Xavier da Cunha trabalhou em vários jornais diários e era muito estimado e considerado pelos seus colegas de officina e por toda a classe gráfica. Fez parte de diversas comissões do seu sindicato profissional, empregando uma parte da sua actividade no seu engrandecimento, não se recusando a trabalhar todas as vezes que era indicado para qualquer missão.

A sua vida foi muito atribulada. Revoltado por temperamento, era firme nas suas opiniões e tinha por lema: «antes quebrar que torcer».

Um episódio que merece menção especial foi o passado nas nossas oficinas em 1923, a quando da resolução das empresas jornalísticas de não publicarem os seus jornais na terça-feira de carnaval. A Batalha atendendo aos seus princípios não assinou essa pretensão; o jornal publicou-se. Xavier da Cunha entrou na redacção e demorou-se um pouco conversando com um seu colega. Passando à sala de composição perscrutou todos os lugares. Num dado momento aproxima-se da mesa onde estavam os grandes compostos e se não fosse a rápida intervenção do chefe e de alguns colegas, aqueles teriam ficado num verdadeiro montão de pastel. Tinha concebido que a publicação de A Batalha viria prejudicar uma regalia que não só beneficiava os tipógrafos, mas todos aqueles que empregavam a sua actividade nos jornais.

O tempo demonstrou-lhe o contrário. Ultimamente tinha sido abandonado, magado, o seu organismo corporativo, devido a divergências e pontos de vista que mantinha como os únicos capazes de beneficiar a classe a que pertencia.

A doença encontrou-o fraco e a morte inexorável roubou-o ao convívio dos seus pais e dos companheiros de officina.

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 11 horas, da travessa da Condessa do Rio, 22, 1.ª, para o cemitério da Ajuda.

Quo ad tipográfico do *Diário de Lisboa* convida todos os seus colegas a incorporar-se no préstito fúnebre.

Paulina das Dóres

O secretariado central do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa lembra mais uma vez aos jovens sindicalistas em especial e a todos os trabalhadores em geral, o dever de acompanharem hoje o funeral da camarada Paulina das Dóres, que em vida tanto se sacrificou por todos aqueles que, vítimas de perseguições, se acolhiem à sua solidariedade.

Manuel Vicente

Com 37 anos de idade, faleceu no passado dia 6, em Mina de São Domingues, o operário Manuel Vicente, que há dois anos vinha sendo torturado por uma tuberculose adquirida nos trabalhos da mina, em que se occupava desde os 18 anos. Durante a sua doença, Manuel Vicente foi amparado pela solidariedade do seu Sindicato e doutros organismos operários de São Domingos. Na ocasião do funeral, a classe mineira prestou-lhe uma sincera e sentida homenagem.

SÃO CARLOS

A superior interpretação dada aos «Homens de Hoje» dá ocasião a fazer ressaltar o brilhantismo de algumas das suas mais brilhantes cenas.

As dividas da guerra

LONDRES, 9.—Os delegados financeiros, presididos pelo Conde Volpi, que veem tratar da consolidação das dividas de guerra italiana, são esperados a 14 do corrente.

O governo inglês declara que o total da dívida, com os juros acumulados, se eleva a 592 milhões de libras. — (L)

Os socialistas e a participação do poder

PARIS, 9.—O sr. Renaudel prevê que a discussão de amanhã no congresso socialista ultrapasse o problema da participação governamental, calculando que se estabeleça o equilíbrio entre as duas correntes principais, o que levará a um profundo exame e a uma decisão definitiva susceptível de favorecer os partidários da participação. — L

PARIS, 9.—A federação socialista do Sena pronunciou-se contra a participação do poder por 2087 votos contra 1570.

O número de partidários da participação aumentou sensivelmente desde o último congresso de Grenoble, em Fevereiro do ano passado.

O aumento torna-se, porém, importante nalguns departamentos, os quais se manifestarão no congresso que amanhã inicia os seus trabalhos, e que os deve concluir terça-feira à noite. — L

VIDA ANARQUISTA

Comissão do jornal.—Reúne amanhã pelas 19 horas precisas.

Ocorrências diversas

No cais Vasconcelos, no Beato, ontem à tarde, procediam várias fragatas à descarga de cascos de vinho procedentes de Salvaterra de Magos para o sr. Teixeira de Vasconcelos, no Beato. Feita a descarga da fragata «Portugal» da qual é proprietário e arrais Jacinto Magalhães, de 40 anos, de Salvaterra, encontrava-se este na muralha quando foi colhido pelo guindaste que o fez cair da fragata e desta ao rio, fazendo dois grandes ferimentos na cabeça. O tripulante de outra fragata, «Luciana», José Carrara, de 27 anos, natural e residente em Alcochete, ao ver o perigo que o seu camarada corria, precipitou-se ao rio, agarrando-o e trazendo-o para bordo. Enquanto ali substituíam os fatos, foram reclamados os socorros à Cruz Vermelha, comparecendo ali imediatamente o automove n.º 3 no qual os dois foram transportados ao Hospital de S. José, em cujo Banco o Jacinto ali pensado recolhendo depois à Sala de Observações e seguindo o José para casa depois de devidamente reanimado.

Na Sala de Observações deu entrada João Julio Martins, de 20 meses, filho de João Manuel e de Ludovina Martins, residentes no largo do Terreiro, 20 4.ª, que caiu da janela da residência à rua, ficando ferido na cabeça e bastante contuso pelo corpo.

A enfermaria Lourenço da Luz do Hospital de S. José recolheu Elvira da Costa Pratas, de 40 anos, residente na rua Correia Teles, S. S., 4.ª, que, na residência ficou queimada nos pés com água fervente.

Na enfermaria n.º 2 Hospital do Deserto deu entrada Manuel de Almeida, trabalhador, de 57 anos, natural de Oes e morador na rua da Prata, 59, 5.ª, que caiu de uma escada na Companhia do Gaz, na rua da Boa Vista, ficando com várias contusões pelo corpo.

No posto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensado, recolhendo depois à Sala de Observações do Hospital de São José, José Gonçalves de 47 anos, natural de Montalegre e residente na travessa do Caldeira, 10, 2.ª, pedreiro, que quando trabalhava na pedreira de José Jorge, na Tapada de Ajuda, foi colhido por uma pedra, ficando muito contuso no torax e na perna esquerda.

ACREDITA: A fricção geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico são tão um inimigo poderoso

NUCLEO CALCINA

TÓNICO ENERGICO ESSENCIAL

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

LABORATÓRIOS DR. VARELA, FORMOSINHO

Praca dos Restauradores, 15 LISBOA

GIMNASIO

Depois de amanhã teremos a nova peça «Tia Andreza» em scena neste teatro para reanimação do actor cómico Silvestre Alegria.

SOCIEDADES DE RECREIO

Concentração musical 24 de Agosto.—Hoje, às 21 horas, baile a dueto.

Grupo excursionista de propaganda da Guarda.—Para apreciar a situação financeira do grupo, nomeação do grupo musical e grupo dramático, convidam-se a reunir hoje, pelas 18 horas, todos os socios no Gremio Beirão, rua da Fé, 23, 1.ª.

Recreio Operário «A Portugal».—A's 21 horas, grandioso baile com «fox-trot» a prémio.

APOLO

Encontro esta noite uma peça soberba, «A Taberna», que toda a critica recebeu admiravelmente e que o publico acolhe todas as noites com entusiasmo invulgar.

Correios e telégrafos

A comissão iniciadora das casas económicas a prestações mensais para todos os funcionários dos C. C. T. T. tem sido muito felicitada e já recebeu e espera receber mais propostas de casas construtoras.

Brevemente haverá uma importante reunião de pessoal de todas as categorias, a fim de se resolver o problema da falta de habitação.

AGREMIACÕES VARIAS

Gremio dos Açores.—Reúnem hoje, pelas 14 horas, na sala Portugal, da Sociedade de Geografia, os açorianos residentes em Lisboa, a fim de tomarem conhecimento da acção desenvolvida pela comissão organizadora deste gremio.

TEATRO S. CARLOS

HOJE E SEMPRE A PEÇA

OS HOMENS DE HOJE

Direcção artistica da professora

LUCINDA SIMÕES

TEATROS DESPORTOS

No Politcama

«A Tentação», de Charles Meré, tradução de Carlos Alberto Ferreira

Hábil construtor de peças. Charles Meré pode bem ser classificado de Sardou contemporâneo. Para ele não há segredos. No pior bloco talha uma peça e ainda que a ideia não corresponda ao desenvolvimento fabular, o que nunca falha é a naturalidade, a espontânea urdidura, corrente, rápida, fulminante.

O facto de chama-se, ao teatro de Meré, cinematográfico não invalida a sua qualidade que é da melhor contextura técnica. As peças de Meré têm de ser representadas sem delongas de interpretação, a mais leve demora na condução dum diálogo prejudica o sentido, a feição da peça. A maneira porque os acontecimentos se sucedem, a torrencial sequência das cenas, o frenesi com que o assunto é tratado têm de ser feitos dum jacto, sem um parentesis, sem uma hesitação.

A peça que a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro levou agora a scena, está bem dentro do género. Não lhe falta um só desses requisitos. O sentimento da moralidade, nela, à força de pleguismo amoroso, deturpa caracteres, falsifica luras morais justamente estabelecidas, mas do que ninguém pode duvidar é da pericia, da singular intuição de escrever para o teatro que Meré possui. E' extravagante a sua orientação sentimental, mas a maneira dinâmica como os casos são postos atinge uma continuidade construtiva que obriga a admirar o arquitecto. Quem vai ver o teatro de Meré não vai ver a vida como ela pode apresentar-se, ainda mesmo através das suas mais bizarras inconsequências, o que vê é sempre a mão firme do maneirador de cenas, a envergadura delineadora do escultor de peças.

Feitas estas considerações acerca da estrutura dramática, teatral do drama *A tentação* resta-nos falar do desempenho que lhe foi dado. E' dos mais certos que a companhia do Politcama tem conseguido. Amélia Rey Colaço esteve à altura do seu mérito de artista que estuda sempre e que dia a dia colhe melhores resultados. A sua saída no terceiro acto, depois da conversa com o marido e após o encontro com o seu apaixonado, é qualquer coisa de apreciável, de bem feito, como muito boa também é a entrada fulgurante de Alexandre de Azevedo, anteriormente feita. Foram estes os dois momentos mais interessantes, para nós, que Alexandre de Azevedo e Amélia Rey Colaço tiveram em toda a peça, onde aliás em todas as scenas cumpriram bem o que o drama lhes impõe. Robles Monteiro, que é um artista muito consciencioso em todos os papeis que, como este, exigem atitudes calmas e reflectidas, passou em toda a peça com uma discreção muito digna de elogio.

Emília de Oliveira passou rapidamente mas com equilíbrio, o que também diremos de Delmira Régio. Teodoro Santos teve passagens harmonicas, adequadas, em outras deslucou-se. Maria Clementina deu alegria a toda a peça. Luís Leitão bastante acertadamente e até com bom timbre de voz na «Butterfly»... Reminiscências de tempos idos!

A encenação de Robles Monteiro muito boa. De requintado bom gosto os interiores, os scenários honram os scenógrafos. O do 3.º acto estrondoso de cor. A tradução agradável e corrente.

Nogueira de BRITO

No desempenho da opereta de Pablo Luna «A Moça de Campanilhas» que no São Luís sobe à scena na próxima sexta-feira, desempenham os principais papeis femininos as actrizes Gremilda de Oliveira, Maria Pires Marinho, Tereza Gomes, Maria Laura, Rosalina Sayal, Margarida de Almeida e Hermínia Reis, e os masculinos por Almeida Cruz, Alvaro de Almeida, Alvaro Pereira, Adolfo Sampaio, Pereira Saraiva, Artur Silva e Abílio Baptista.

Recrudes

Hoje realiza-se efectivamente a última representação nesta temporada, das lindas operetas «A Montaria» e «Canção do Olvido» que tantas enclenches têm dado ao São Luís.

Continua triunfante, sempre com colossais enclenches nas duas sessões, a revista do Maria Vitória «Foot-Ball», que tem a interpretação de um agrupamento de que fazem parte os melhores artistas no genero, entre elles Lina Demoel, Hortense Luz, Carlos Leal, Alberto Ghira, que faz o alegre «compere» da revista, Alfredo Ruas, Santos Carvalho e muitos mais. Todos esses artistas apresentam criações admiráveis, que tornam a revista «Foot-Ball» mais interessante da actualidade.

No magestoso circo das Portas de Santo Antão, faz hoje a sua segunda apresentação a nova Companhia de Circo que ali se estreou ontem com um estrondoso successo. A's 14 e meia é a primeira matiné da nova companhia, realizando-se à noite um grandioso espectáculo. Amanhã efectua-se a primeira soirée da moda.

Esta tarde às 3 horas, realiza-se no Gynasio o 5.º «concerto sinfonico» sob a regência do illustre maestro Fernandes Fão.

Recomeçou hoje a segunda volta do campeonato com os seguintes jogos

Divisão de honra—No Campo Grande, Vitória contra Sporting: 1.ª categoria, às 15 horas, juiz, Joaquim Bugalho; 2.ª categoria, às 13 horas, juiz, Homero Serpa; 3.ª categoria, às 11 horas, juiz, José da Costa Lima. 4.ª categoria, às 9,15 horas, juiz, Edmundo Gomes. No Campo de Santo Amaro, União Lisboa contra Império. 1.ª categoria, às 15 horas, juiz, Augusto da Silva Ramos; 2.ª categoria, às 13 horas, juiz, Reinaldo S. Monteiro; 3.ª categoria, às 11 horas, juiz, Pedro Nunes Pereira; 4.ª categoria, às 9,15 horas, Amadeu Esteves da Rosa. No Campo do Restelo, Casa-Pia contra Belenenses. 1.ª categoria, às 15 horas, juiz, João dos Santos Júnior; 2.ª categoria, às 13 horas, juiz, Manuel Fernandes; 3.ª categoria, às 11 horas, juiz, Manuel Nascimento Rodrigues; 4.ª categoria, às 9,15 horas, juiz, Raúl José dos Santos. No Campo das Amoreiras, Caracalinos contra Benfica: 1.ª categoria, às 15 horas, juiz, Diogo Ferreira; 2.ª categoria, às 13 horas, juiz, Mario do Couto Paixão; 3.ª categoria, às 11 horas, juiz, João Artur Frias.

Divisão de Promoção (Grupo A)—No Campo de Marvilha, «Marvilense contra Chelense»: 1.ª categoria—às 15 horas, juiz, Porfírio Moura; 2.ª categoria—às 13 horas, juiz, Alfredo da Assunção; 3.ª categoria—às 11 horas, juiz, António M. S. Carvalho; 4.ª categoria—às 9,15 juiz, Pedro Fortes Figueira.

No Campo de Sacavem—«Sacavense contra Chelense»: 1.ª categoria—às 15 horas, juiz, José Travassos; 2.ª categoria—às 13 horas, juiz, Militão de Sousa; 3.ª categoria—às 11 horas, juiz, Américo Lopes.

No Campo de Marvilha—«Occidental contra Fofosforos»: 1.ª categoria—às 13 horas, juiz, Casimiro Dias; 2.ª categoria—às 11 horas, juiz, Joaquim Fernandes Tremoço Junior; 3.ª categoria—às 11 horas, juiz, Virgílio S. Fernandes; 4.ª categoria—às 9,15 horas, juiz, Manuel Soares.

Grupo de Futebol Nacional

Está convocada para terça-feira, 12 do corrente, a assembleia geral deste clube com a seguinte ordem de trabalhos:

Eleição dos novos corpos gerentes para 1926 e aprovação do regulamento interno.

FOOT-BALL

Continua marcando um successo enorme esta revista; os enclenches são colossais; os aplausos a Hortense Luz, criadora feliz de vários papeis, são entusiasticos.

Uma interessante festa de fado

A canção nacional vai ter hoje, no teatro Apolo, uma colossal apoteose. A «matinée» que *Guitarra de Portugal* hoje realiza pelas 14,30 horas, vai ser a maior consagração do fado.

E' o seguinte o programa deste interessante espectáculo:

1.ª Parte: Conferência sobre o fado, escrita por Bento Faria e lida pelo escritor Júlio Cirilo de Castro; o fado de ontem e de hoje, versos do sr. Raúl Carreira, recitados pelo actor Luciano Marques; um fado

Menstruação

tosi ouiam-se a mil passos de distância da casa. Finalmente, quando, despedaçado pelas dores, elle fechava os olhos para dormir, era logo acordado em sobresalto pela força dos sofrimentos; então já não eram gritos, mas sim urros de lobo danado! No fim de dois meses, não tendo já senão pele e osso, mais sustentado pela esperança da sua cura, o capitão levantou-se e andou; mas com os diabos não somente a perna não tinha crescido, porém o joelho, há tanto tempo imóvel, tinha-se ossificado. O capitão não deu palavra, fez-se livido como um cadáver e caiu desmaiado. Julgámo-lo morto. No outro dia, o mordomo disse-me que o nosso patrão já não tinha necessidade do págem, e entregou-me algum dinheiro; deixei a Espanha e voltei à França com outros prisioneiros. E depois de 15 ou 16 annos, encontro sobre as arcadas do mercado D. Inácio de Loyola em companhia do vosso amigo Lefevre. Eis acabada a minha história; mas fiquei com as gíelas secas, e as garrafas não têm vinho! corro a ir buscar dêsse famoso nectar de Argentineuill! ajuntou o soldado levantando-se. Volto já num instante. Josefino partiu, cantando com voz retumbante a sua ária favorita.

Mal saiu o aventureiro, o desconhecido disse a Cristiano:

— A história de vosso cunhado é uma revelação para mim; a vida passada de Inácio de Loyola explica-me a sua vida presente...

— Mas o que é esse homem? Donde vem o interesse, donde nasce a curiosidade e a inquietação que ele vos inspira?

Ainda Cristiano falava quando sua mulher desceu; assim que a viu, lembrou-se que era urgente conduzir o desconhecido para o vão do telhado, antes da volta de Josefino.

— Brígida, perguntou o artista, já está deitada Hêna?

— Sim, meu amigo, os nossos queridos filhos estão já deitados.

A BATALHA

Realiza-se hoje, pelas 14 horas, no Parque Eduardo VIII um comício contra a alta finança.

LUISA MICHEL

O que foi a agitada vida da inesquecível revolucionária, de quem passa hoje o 21.º aniversário do falecimento

Que vida magnífica, abundante em detalhes dramáticos, em feitos maravilhosos e extraordinários, foi a existência da «boa Luisa»!

Foi toda uma vida, com uma vida de romance escrito com o sangue do coração da sua autora, uma vida viva e sofrida por ela.

O movimento revolucionário tem dado origem a muitos tipos de mulheres notáveis, mulheres que mereceram o amor e a admiração das épocas vindouras, porém, não produziu ainda e é duvidoso que ofereça no futuro uma figura semelhante à de Luisa Michel.

A «boa Luisa» foi demitida uma das personagens mais surpreendentes da época moderna; alguns dos seus historiadores chamaram-lhe a Joana de Arc revolucionária; esta comparação é certamente feliz porque se observa nela o mesmo entusiasmo poético e idealista, a fé inquebrantável na justiça das suas convicções e o heroico valor que lhe proporcionou forças para suportar todos os perigos e obstáculos da sua vida de mártir.

Constituiu Luisa Michel o verdadeiro tipo de mártir, porém, não do que se vê obrigado a ser em virtude das circunstâncias; tinha nascido mártir, o martirólogo foi para ela uma necessidade natural, e a satisfação dessa necessidade fundamentou a felicidade da sua vida, toda a sua alegria. Considerava a vida com um critério diferente do dos seus contemporâneos; o que era para outros motivo de dor foi para ela um prazer, uma satisfação interior. Este rasgo psicológico da sua idiosincrasia compreendeu-o perfeitamente o editor das suas «Memórias» ao dizer que, se Luisa Michel tivesse vivido 1900 anos antes, teria sido tratada como os primeiros mártires do cristianismo; o seu corpo débil teria sido destruído pelas feras na arena imperial; e se tivesse vivido na Idade Média teria morrido, sem dúvida alguma, na fogueira da Inquisição.

Essa fé de mártir foi a verdadeira força interior da «boa Luisa», a razão pela qual o corpo enfermo não se extinguiu antes, aniquilado pelos sofrimentos indescritíveis que essa mulher admirável teve que padecer na sua vida tão fecunda em factos. Luisa Michel foi feliz, feliz em todo o sentido da palavra, porque a sua alma jamais foi invadida pelo pessimismo suicida do presente; o seu coração generoso não se sentiu nunca torturado por esses problemas obscuros da dúvida que tornam tão difícil e insuportável a vida do homem moderno.

Era ditosa até quando a atormentavam cruéis dores, pois nunca perdeu o equilíbrio moral da sua alma e todos os seus pensamentos e acções giraram sempre em torno do centro da sua existência de mártir: a esperança absoluta no triunfo inevitável da revolução social e a fé profunda e ilimitada num futuro melhor. Essa harmonia interior defendeu-a contra toda a dúvida; era uma coragem de aço contra toda a ideia pessimista, uma coragem contra a chamada «dor universal», o imenso mal da geração contemporânea! A dor universal! A «boa Luisa» nunca soube o que era isso. Estando os seus actos de acordo com as suas opiniões, que havia de ter piedade do mundo? A dor universal! Invenção duma época débil, palavra sob a qual se quebra o coração pessoal e a servidão da alma.

Perdemos a harmonia entre as nossas ideias e as nossas acções; vivemos nos nossos corações duas personalidades distintas e o nosso espírito está dominado por dois pensamentos diferentes. Amamos o novo sem ter o valor de levá-lo à prática; odiámos o velho, mas falta-nos a força de vontade para romper com o passado. Numa palavra: obramos contrariamente ao que pensamos, e por isso falamos de «dor universal»; sentimos compaixão do mundo, quando seria melhor que tivéssemos piedade de nós mesmos.

Luisa Michel não conhecia estas debilidades. Quando abandonou o castelo onde passara a sua juventude e entrou no mundo como professora, estava imbuída de ideias radicais e anti-clericais. Essas ideias, porém, não estavam de acordo com o ensino que se ministrava nas escolas de Napoleão III. Que importava? Luisa instruiu os rapazes conforme as suas convicções, e não como o exige o governo imperial. Diz às crianças que Napoleão é um criminoso, um tirano, um traidor da República; ensina-lhes cantos revolucionários e outras coisas. Os pequenos mostram-se muito contentes com a estranha professora, mas o director chega bem depressa à conclusão de que ela não serve para o magistério. Luisa dirige-se então para Paris, e ante seus olhos abre-se um novo mundo. Entra em intimidade com os chefes da democracia radical, ao mesmo tempo que frequenta as assembleias da Internacional e os centros clandestinos dos comunistas. Trabalha de dia e de noite, esquecendo completamente a sua existência material, e um só desejo anima o seu coração: a ruína do Segundo Império. Participa em todas as tentativas revolucionárias contra Napoleão III, e quando o trono imperial cai destruído na voragem da guerra franco-alemã ela é a primeira a atacar a chamada República de Setembro, a república da burguesia francesa. Vem depois o 18 de Março de 1871; a capital sublevada proclama a Comuna.

Luisa Michel adquire forças gigantescas, é a encarnação do temperamento revolucionário, a personificação do entusiasmo rebelde. É incansável na sua actividade. Fala às multidões e publica os seus artigos ruidosos em *Le cri du peuple* (O grito do povo). Logo vem a catástrofe, o último acto da revolução francesa: a Comuna trava uma luta de vida ou de morte com a reacção combinada do Estado e do Capital. Nas barricadas, vestindo o uniforme da Guarda Nacional, espingarda na mão, Luisa é ferida no assalto de Port-Ivry e, antes que a ferida se cure, encontra-se novamente no campo de batalha. Cuida dos feridos, bebia

os lábios agonizantes dos irmãos caídos, e luta nas barricadas. A Comuna cai; no Père Lachaise e no sangrento combate de Sartori morrem os seus últimos defensores.

Luisa Michel encontrou nesse momento um refúgio seguro. Mas em breve sabe que a reacção se prepara para acusar dos seus actos a sua querida mãe. Em vão os seus amigos procuram demonstrar-lhe que a notícia não é exacta; Luisa não se deixa convencer e entrega-se nas mãos dos carcerosos sanguinários. A 16 de dezembro de 1871 aparece perante os seus juizes, pedindo para si a pena de morte. A sua atitude nesse tribunal é heróica; censura em termos apaixonados os assassinos da Comuna, chamando-lhes cães cobardes, e jura que, se for absolvida, não cessará de sublevar o povo contra os seus algozes. O conselho de guerra condena-a a reclusão na Nova Caledónia. Os seus parentes vão-lhe de todas as suas influências para libertá-la; porém, Luisa declara que só voltará juntamente com todos os outros. Durante nove anos arrastou as cadeias do presídio, até que finalmente foi posta em liberdade com todos os seus companheiros, graças à amnistia de 1880.

O proletariado francês recebeu com ruído o entusiasmo a sua «boa Luisa». Alguns dos que tomaram parte na Comuna perderam o valor no exílio, mas Luisa ficou a mesma de sempre. Em 1882 foi condenada a duas semanas de prisão por ofensas feitas à polícia, e nessa mesma época aderiu à tendência anarquista do socialismo.

Ao celebrar-se em 1883 as grandes manifestações dos sem trabalho, Luisa encontrava-se à frente do movimento. Via a fome atacando os seus filhos, os proletários

de Paris, e sabia que nada podia ser remediado com palavras bonitas. «Vinde, filhos, eu vos darei de comer», disse à multidão faminta. E levantando a bandeira negra quebrou os vidros de algumas padarias e talhos a fim de prover os pobres e miseráveis. Foi condenada a seis anos de cárcere, porém, foi posta em liberdade pela amnistia de 1886. Neste mesmo ano foi novamente condenada por ofensas ao governo; depois obrigaram-na a abandonar a França; pois as autoridades tinham a intenção de recolhê-la num Manicômio. Durante os muitos anos que viveu na Inglaterra escreveu algumas novelas e duas pequenas colecções de versos. As suas novelas *A miséria*, *Os malditos*, *A filha do povo* e sobretudo *Os micróbios humanos* e *O novo mundo*, são principalmente descrições da miséria do proletariado e acusações veementes contra a sociedade moderna. Nelas se reflecte toda a riqueza do seu carácter extraordinário, os seus sentimentos profundos e nobres pelos humildes e explorados, e em particular essas relações misteriosas, quase místicas, que existiam entre ela e as multidões operárias de Paris.

Ainda antes de abandonar a França editou o primeiro tomo das suas *Memórias*. O seu último trabalho de carácter literário foi um excelente livro sobre a Comuna de Paris. Nos últimos anos da sua vida fecunda fez algumas «tournée» de propaganda por toda a França; achava-se em Marselha para pregar a ideia da libertação geral por meio da revolução social, quando a morte interrompeu bruscamente a sua actividade incansável.

Está em poucas palavras a biografia maravilhosa de Luisa Michel, heroína e lutadora. Todas as suas acções estiveram sempre em concordância com as suas ideias. Obedeceu em todos os momentos à voz dos seus sentimentos íntimos, e essa voz nunca a traía. Foi uma figura duma só peça, e o seu coração ignorou o dualismo desesperador que tão fortemente domina a geração actual.

Luisa teve uma morte formosa. Três meses antes do seu falecimento, quando toda a gente julgou que morria irremediavelmente, ela venceu, a pesar de tudo, a sua cruel enfermidade. E até teve a rara felicidade de ler a sua própria necrologia. Viu as lágrimas ardentes dos humildes e explorados do mundo inteiro para quem ela tinha sido sempre a boa Luisa. E essas lágrimas, esse amor ilimitado e essa veneração dos oprimidos foram a maior recompensa que pôde receber. Era demasiado boa, e por isso a morte lhe concedeu um privilégio especial. Porém o seu nome viverá eternamente em todos os corações amantes da liberdade.

Rodolfo ROCKER

Professorado primário

O sr. ministro da Instrução, a pedido da Delegação Executiva, prorrogou o prazo da Inscrição na Caixa de Previdência do seu ministério até ao dia 15 de Março

INTERESSES DE CLASSE

Os intérpretes oficiais vítimas duma odiosa perseguição das Sociedades de Excursões

Os intérpretes oficialmente reconhecidos, que exercem em Lisboa o serviço de condução de «touristas», passageiros dos diversos barcos que ao Tejo vêm, e de explicar-lhes detalhadamente a história de Portugal, dos seus museus e monumentos, levando-os a admirar as soberbas paisagens do nosso solo exuberante, realizam diariamente e obscuramente uma obra altamente simpática pelo que de valioso encerra. Numa como hoje se verificou uma tão forte necessidade de se desenvolver uma intensíssima propaganda dos elementos de que dispomos, dos nossos usos e costumes e sobre os espantosos condições de vida, merecendo por esse facto ser colocado na sua respectiva posição de país civilizado.

Ora esta propaganda tem sido modestamente levada a efeito pela classe dos intérpretes, sem grandes pompas de berrantes feitos.

Mas se é justo, inequivocamente, reconhecer os intuítos que anima esta classe, não é menos justo verberar aqui o procedimento das Sociedades de Excursões em geral, que exclusivamente as inspirando as ideias de abjecto mercantilismo, movem à Cooperativa dos intérpretes uma guerra sem tréguas, servindo-se dos mais baixos processos de ataque.

A associação dos intérpretes pretende desenvolver-se dentro das normas naturais e legais. Não alimenta, porque está fora dos princípios que a inspiram, intuítos de tentar aniquilar alguém, mas tão somente reivindicar, como é de justiça, o que de direito lhes pertence. Não agita espantosos de rebelião, mas o que defenderá sempre é os seus interesses morais e materiais.

A par da propaganda que realiza, a associação dos intérpretes quer, reunindo os elementos indispensáveis para esse fim, ministrar aos seus associados uma educação cultural que lhes alargue o quadro dos seus conhecimentos acerca da história de Portugal, dos estilos arquitectónicos dos nossos museus e monumentos, seu significado social e desenvolver-lhes ainda os seus conhecimentos linguísticos, etc., etc.

Não há, como se vê — nem podia haver, — intuítos subversivos de ordem social ou particular sendo portanto injusta, para não dizer ignóbil, toda a campanha que contra si se move.

Mas antes de se saber os intuítos com que essa campanha é feita, é necessário explicar os seus motivos, que são:

1.º Porque a Associação dos Intérpretes defende abertamente a ideia duma revisão de exames, para seleccionar competências; 2.º porque não concorda com o exercício da função de intérprete por estrangeiros, por estes não possuírem suficientes conhecimentos da nossa língua e do nosso país; 3.º porque se dispõe o mesmo organismo a lutar contra os factos que possam denegrir a classe dos intérpretes, bem como o caso que se tem verificado de certos intérpretes estrangeiros se embriagarem e assim irem para bordo; 4.º por declarar como contra-producto o fornecimento de licenças provisórias.

Estes princípios sintéticos, que constituem parte dos nossos objectivos, merecem de nós a máxima atenção e estudo. Tornaremos a falar breve dos objectivos que prendem a nossa actividade associativa. — Um interprete oficial.

Sciência e Indústria

Acaba de aparecer o primeiro número de esta revista mensal de vulgarização científica e de ensino técnico. Contém artigos de grande interesse sobre novidades científicas, automobilismo, T. S. F., conselhos e receitas práticas para os electricistas, mecânicos de automóveis, *chauffeurs* amadores ou profissionais, etc. 3550. A venda nas tabacarias e livrarias, e no depositário geral: Livraria Sá da Costa, Poço Novo, 24. Telef. T. 384, onde se aceitam assinaturas por 3, 6 e 12 meses respectivamente, 10550, 21500 e 42500.

PROPAGANDA SINDICAL

Uma sessão no Sindicato dos Rurais de Vendas Novas

Na passada quarta-feira, efectuou-se no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Vendas Novas uma sessão de propaganda sindical.

Tiago Varela, delegado da Federação dos Trabalhadores Rurais, fez largas considerações sobre temas associativos, aconselhando os trabalhadores a ingressarem nos sindicatos para melhor combaterem a sociedade capitalista.

José Capote fez um bom discurso de propaganda e exortou a juventude a constituir núcleos de educação.

Na mesma ordem de ideias, falaram ainda Joaquim Pimenta e Joaquim Nodan. No final, foram aclamadas a C. G. T., a «Batalha», as juventudes, etc.

O Estado caloteiro

A direcção da Associação dos Empregados Menores do Estado, acompanhada de grande número de sócios procurou o ministro das Finanças, pedindo para que lhe sejam liquidadas as melhorias em atraso, conforme tinham sido arrolados os seus colegas dos liceus. O sr. Marques Guedes, achando justo o referido pedido, ficou de o atender.

A «incensada» internacional

BUDAPESTE, 9. — O escândalo da falsificação das notas de Banco de vários países aumenta largamente. O arquiduque Albrecht foi detido confirmando nas suas declarações que a falsificação não tem carácter político, ao passo que o príncipe Windischgratz declara tratar-se duma conspiração tendente a reivindicar as consequências do Tratado de Triano. Os jornais preveem a demissão do regente da Hungria, almirante Horthy.

BUDAPESTE, 9. — O príncipe Windischgratz requereu a liberdade provisória, sob fiança de dois milhões de coroas.

LEIAM AMANHÃ

O SUPLEMENTO SEMANAL DE

A BATALHA

SUMÁRIO:

A peça «Os homens de hoje», por Ferreira de Castro.

Fornos crematórios, por Ladislau Batalha.

A «Escola Unica», pelo professor Moura Pena.

O capitalismo e o Teatro de S. Carlos, por Nogueira de Brito.

A Sindicalização dos trabalhadores de teatro.

As organizações operárias vistas por um comediante burguês, por Eduardo Frias.

O Teatro Nacional, por N. de B.

A prostituição regulamentada, pelo dr. Arnaldo Brazão.

Falar e semear, por Abilos.

Deus, por José Carlos de Sousa.

O que todos devem saber...

Chico, Zecas & C.ª

A LUTA DE CLASSE

A luta de classe pela acção directa, pela organização e pela propaganda tem por fim capital instruir a classe operária, mudar a sua mentalidade relativamente ao patronato, ao Estado, ao exército, e à pátria, e, por conseguinte, preparar a revolução suprimindo os obstáculos que actualmente se opõem à sua realização.

A luta de classe é a doutrina socialista em acção; pode-se pois dizer que em si contém o socialismo todo. Ela faz compreender o alvo a atingir: a posse da direcção de todas as indústrias pelos sindicatos operários, e a destruição do Estado autoritário. Determinando a criação de novos órgãos económicos, — os sindicatos e as federações, — ela revela o sistema de direcção da produção e da distribuição que deve substituir o actual sistema patronal. Sugere os meios a empregar para efectuar a revolução: a greve geral, as revoltas militares e a defeecção do exército.

A luta de classe é a única força bastante poderosa para transformar a mentalidade dos operários, para lhes mostrar a imperiosa necessidade da disciplina sindical e lhes inculcar o ódio aos dirigentes. De facto é impossível conseguir que as ideias socialistas penetrem no espírito das massas apenas pela propaganda.

Suponho que os militantes tenham uma exacta concepção do fim a que se propõem e dos meios a empregar, não é por via de demonstração que lhes ensinaremos alguma coisa para transformar a mentalidade dos trabalhadores e fazer-lhes realizar a revolução. Os factos, as situações novas que lhes criam e o ensinamento que constituem, é o que unicamente tem poder bastante para efectuar tal transformação.

O que há de notável na instrução sindical é ser ministrada aos operários pela classe patronal. E a querer combater o sindicalismo e as ideias revolucionárias, que os dirigentes instruem os trabalhadores e lhes demonstram praticamente a veracidade das doutrinas proclamadas pelos militantes. Todas as suas preocupações, tendentes a enfraquecer o proletariado e a atrazar a revolução, o vão fortificando de dia para dia cavando mais fundo o fosso que separa as duas classes, a tal ponto que hoje é radicalmente impossível restabelecer o acordo entre os operários e os patrões e a luta continuará até o completo desaparecimento destes últimos.

Assim, no facto dos dirigentes serem, a seu pesar, os mais activos agentes da sua própria destruição, há uma espécie de fatalidade, como em todos os processos inconvenientes que determinam a evolução das sociedades.

H. DUFOUR

O conflito levantado por Pereira da Rosa

O sr. José Leão de Sousa Amzalak, conhecido *reporter* e velho republicano, pede-nos para que esclareçamos que não foi ele, mas sim o sr. Moisés Benabat Amzalak, quem acompanhava o sr. Pereira da Rosa quando este ameaçou de morte o nosso director, na redacção deste jornal.

FESTAS ASSOCIATIVAS

O aniversário do Grupo Dramático Solidarieidade Operária

O Grupo Dramático Solidarieidade Operária, a simpática agremiação de recreio fundada por elementos da construção civil, festeja hoje o 9.º aniversário da sua fundação. A direcção, em sua última reunião, resolveu saudar a organização operária, os deportados, os presos sociais e todas as vítimas das injustiças sociais. O programa da referida festa é o seguinte:

1.ª parte: Conferência pelo camarada Mário Domingues sob o tema: «Solidarieidade e Arte». 2.ª parte: Representação do drama em 3 actos, do escritor Bento Mantua, «Má Sina». 3.ª parte: Grandioso acto de variedades pelos amadores do grupo.

Abreilhanta esta festa o Grupo Musical Verdi.

Secção Telegráfica

Federações

DO LIVRO, DO JORNAL E SIMILARES Conselho Inter-Federal. — Segue expediente.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Barreiro. — Secretário geral ou adjunto. — Digam quando nos podem falar com urgência.

Ajustrel. — Rogamos, urgente envio de débito.

Beja. — A. Tomás Aquino. — São necessários 80500.

Setúbal. — Atinal, vós tendes delegado, que vos irá escrever.

Vida Sindical

C. G. T.

Comissão Administrativa

Reúne amanhã, às 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Sindicato da Construção Civil — Secção do Alto do Pina. — Reúniu a comissão administrativa transacta, dando posse à nova comissão. Foi apreciada uma circular da comissão organizadora do II Congresso das Juventudes Sindicalistas, resolvendo-se que a mesma baixe à assembleia geral que se realiza na próxima sexta-feira; resolveu mais ceder a sede para os operários do município realizarem uma sessão no dia 19.

Operários do Município. — Um grupo de militantes do pessoal do Município vai meter ombros à publicação dum jornal que será órgão defensor dos interesses da classe, cujo título será *O Pessoal do Município*, devendo aparecer ainda este mês. A sua aparição depende da criação de delegados por locais de trabalho que promovam a sua venda. Para o efeito convidam-se todos os amigos da classe que queiram promover a venda do jornal nos locais onde ainda não haja quem o faça, a vir com a máxima brevidade à associação, a fim de dar o seu nome.

Biblioteca. — A comissão administrativa comunica à classe que adquiriu uma biblioteca social, literária e recreativa para educação dos componentes da classe. Por este motivo lembra a obrigação da mesma ser frequentada por todos os associados, a qual está aberta das 20 às 23,30, todos os dias úteis.

Sessões magnas. — A convite deste sindicato, vão realizar-se sessões magnas nos seguintes locais: Rua de Marvila, 39, 1.ª, sede da Associação dos Corticeiros, no dia 13, quarta-feira. Alto do Pina, rua Barão de Sabrosa, 81, sede da secção da Construção Civil, no dia 19, terça-feira.

Convida-se a classe a comparecer a estas sessões, onde a comissão administrativa, melhoramentos e de propaganda enviará os seus delegados.

Comissão de inquérito. — Segunda-feira, às 20,30, para dar contas da sua administração.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE:

Vendedores de Jornais. — A direcção, pelas 17 horas, sendo indispensável a presença do 1.º secretário.

Compositores Tipográficos. — Pelas 18 horas, prefeixas, a direcção para um assunto de inadiável resolução.

DIAS PRÓXIMOS:

Manipuladores de Pão. — Reúne amanhã a comissão administrativa juntamente com todos os militantes da indústria, pelas 14 horas, para assuntos urgentes e de inadiável resolução.

Federação Mobiliária. — Comissão Administrativa. — Reúne amanhã, às 17,30 horas, para apreciar o pedido de demissão do secretário administrativo.

S. U. Mobiliário. — Por lapso não veio anunciada a realização da assembleia geral que ontem se devia realizar, conforme resolução da assembleia transacta. Por este motivo é a mesma novamente convocada para a próxima terça-feira, às 20,30 horas.

Sindicato Unico Metalúrgico. — Reunião de militantes. — Reúne amanhã, todos os camaradas que se interessam pela organização metalúrgica, para um assunto urgente.

Sindicato da Construção Civil de Lisboa. — Para tratar da crise de trabalho reúne amanhã, pelas 20 horas, em conjunto, o Conselho Administrativo do Sindicato, as Comissões Administrativas das Secções Sindicais e Profissionais, o Conselho de Secções e os delegados do Conselho Técnico.

Conselho Técnico. — Para leitura do relatório moral e financeiro, reúne na próxima quarta-feira o conselho de delegados.

Operários do Município. — Reúne amanhã a comissão de inquérito às 20,30 horas.

Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina. — Para assuntos urgentes reúne amanhã, pelas 20 horas, conjuntamente com a comissão organizadora da Secção dos Manufactores de Calçado desta área.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares. — O secretário, amanhã, às 21 horas.

Operários alfaiates. — Reúne, na próxima terça-feira, a assembleia geral pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Apreciar o relatório moral e financeiro da gerência de 1925 e o parecer do conselho fiscal. 2.º Outros assuntos de ordem colectiva.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Operários Corticeiros de Setúbal. — Reúniu a assembleia geral para apreciar, entre outros assuntos, a conduta de Francisco Lemim e Augusto Casimiro os quais no último movimento grevista da classe se prestaram ao baixo papel de traidores. Não satisfeitos com essa proeza, tentaram agredir, no dia 25 do passado mês, o camarada José Gerez, sendo ainda acusados de se terem locupletado com algumas centenas de escudos que pertenciam a alguns camaradas.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação. — Conselho Federal. — Reúne na próxima terça-feira o Conselho Federal.

Núcleo de Lisboa. — Secção de Belém. — Reúniu a assembleia geral desta Secção para a nomeação do novo secretário da secção que ficou composto da seguinte forma: secretário administrativo, António Graça; secretário de propaganda, António Lourenço; secretário de cultura física, M. Antunes; secretário bibliotecário, Jorge Ramos e tesoureiro, A. Machado.

Foi apreciado o empréstimo dos livros aos filiados, sendo no final de acalorada discussão aprovada uma moção com o seguinte conteúdo: Que seja facultado o empréstimo dos livros aos filiados com o prazo que eles desejarem o solicitante pagar o seu custo, não se emprestando livros raros e exgotados, seja por que motivo for. Foi apreciada a realização do Congresso

O maquinismo governamental

A ideia de governo encerra, necessariamente, os dois elementos seguintes: Força e Direito.

A ideia de direito correspondem as considerações de toda a natureza que se relacionam com a forma de governo, com a base em que assenta a autoridade ou o princípio em nome do qual se dita a lei.

A ideia de força corresponde tudo quanto assegure materialmente o respeito pela lei e a sua restricta execução: a sanção, se é violada, a defesa, se é ameaçada.

Tudo quanto se relacione com uma ou outra destas duas ideias de força ou de direito, agrupa-se em volta desse centro: o governo.

E, com efeito, impossível conceber-se um sistema governamental qualquer, sem ter instantaneamente a ideia duma regra de conduta imposta a todos os seres sobre os quais ele estender o seu poder; e também não é possível imaginar essa regra, das acções — qualquer que seja — em dissolução ou má, justa ou injusta, racional ou falsa, indulgente ou severa — sem pensar ao mesmo tempo na necessidade de se garantir, por todos os meios possíveis, a observância a quem ela se aplique.

Esse facto é tão evidente que não é preciso acentuá-lo mais do que já fiz.

Ora, historicamente, a ideia do direito e da força que caracteriza todo o governo modificou-se ao mesmo tempo, no mesmo sentido e medida que a do governo, por tal modo é verdadeiro que quem fala nêste fala naqueles, e é absolutamente impossível destacar seja o que for desse bloco.

Na sua origem, o governo tem por base a força bruta; o direito é necessariamente o direito do mais forte, e o direito confundindo-se então com a força, aquele é sofrido com esta. Pouco ou nenhum aparelho legislativo, judiciário, policial. E pela brutalidade expedita dos músculos e das armas que todos os delitos são reprimidos e são punidas todas as revoltas contra a autoridade soberana.

Sebastião FAURE

Uma carta

sobre a concessão da lotaria na Casa da Misericórdia

Sr. director de A Batalha. — Solicito-lhe um cantinho do seu muito conceituado jornal para tratar do seguinte caso:

Sou vendedor de lotarias e um dos muitos prejudicados por uma série de abusos que na Misericórdia de Lisboa estão sendo cometidos, abusos talvez desconhecidos pelo sr. provedor daquela casa. Ha ali excepções na numeração dos bilhetes fornecidos.

Por exemplo: Um tal Parré e um tal Cunha, aparecem sempre no mercado dos contratadores, com a numeração boa — ou seja a de mil a quatro mil — que vendem por preços excessivos; assim, são eles que regulam os preços do jogo e fazem a sua oscilação, a ponto dos bilhetes chegarem a preços fabulosos, e os pobres cauteleiros terem que haver-se a contas com o público que por não conhecer pormenores os alucina de vigaristas etc. por ignorar a origem da subida do preço do jogo.

Quem é na Misericórdia fornece sempre os mesmos números a queles senhores? Nesta lotaria de 400 contos, as cautelas subiram ao preço de 130 e os bilhetes a 100500. Com que razão? Porventura a casa vendeu-lhes os bilhetes a mais de 160 escudos?

Poderão os senhores «contrabandistas» responder-nos que por vezes os vendem com um prejuízo de 10 e 20 escudos.

E quem são os culpados? Responderei que são eles, porque fazem o jogo da praça retraindo-se com o jogo, para o venderem mais caro. O comprador — cauteleiro! — não accia a exigência, e eles vem-se depois, à última hora, forçados a vendê-lo por todo o preço. Culpados eles.

Porque razão existe ainda falta de cautelas no mercado? Muito temos que falar srs. cambistas. Trataremos dos fiadores que a casa exige aos requisitantes, para que o público aprecie os «trucs» armados aos fiadores. Mal sabem estes a armadilha em que caem. — Augusto José Marques, vendedor de lotarias.

CRISE DE TRABALHO

Pessoal da Fábrica Vulcano

Com grande número de operários reúniu o pessoal da Fábrica Vulcano, no Sindicato Metalúrgico, a fim de terem conhecimento dos trabalhos realizados pela comissão do Sindicato à direcção da Fábrica. Por um dos membros da referida comissão foi notificado a queles camaradas o resultado das *démarches*, resolvendo a reunião aguardar uma nova diligência da comissão para resolver o caminho a seguir.

Congresso dos Mutilados da Guerra

O 1.º Congresso Nacional dos Mutilados e Inválidos da Guerra realiza-se em Coimbra, nos dias 17, 18 e 19 do corrente na sala dos Capelos da Universidade de Coimbra.

Juvenil, sendo resolvido esperar as resoluções da assembleia geral do Núcleo de Lisboa. No final foi aprovada a seguinte salvação: «A assembleia geral da Secção de Belém das Juventudes Sindicalistas sauda fraternalmente as vítimas do capitalismo internacional bem como todos os deportados e presos por questões sociais, manifestando-lhes toda a sua solidariedade».

O novo secretário da secção local posse na próxima quarta-feira.

Núcleo de Silves. — Em assembleia geral, apreciou-se uma circular da comissão organizadora do II Congresso das Juventudes Sindicalistas, resolvendo-se, por fim, a adesão a maior expansão do *Despertar*, procurar a mesma Congresso. Resolveu-se, nesta cidade, foram eleitos os seguintes corpos gerentes para o ano de 1926:

Assembleia geral: António Correia e João Pincho; comissão administrativa: secretário geral, José Sequeira; adjunto, João dos Santos; arquivista-bibliotecário, António Luís; tesoureiro, António Baptista Neves; vogais, Joaquim Correia e Francisco Nicolau; conselho fiscal, Joaquim Costa, Joaquim Correia e Anselmo Monchique André; comissão de propaganda, António Baptista, José dos Reis Sequeira e António Correia.